

CR7: quando o estatuto pesa mais do que o jogo?

written by Amaro F Correia | 20 de Junho, 2026

OCIDADÃO
Journalism Libre

OPINIÃO
Amaro F. Correia



O debate que me interessa colocar, sem qualquer paternalismo não é apenas sobre o jogador (CR7), mas sobre o equilíbrio entre talento individual e construção coletiva, entre o estatuto e meritocracia, entre passado glorioso e o presente competitivo. É um debate legítimo no futebol moderno, que continuará a dividir opiniões enquanto existirem figuras tão dominantes no jogo, simples, como o futebol. Cristiano Ronaldo (CR7) é, sem dúvida, uma das figuras mais marcantes do futebol mundial e do futebol português em particular.

A sua carreira, construída com disciplina, ambição e uma capacidade de trabalho rara, levou-o a um patamar de excelência que poucos atingem. No entanto, entendo, que a grandeza estatística e mediática não esgota a discussão sobre o impacto real de um jogador dentro de uma equipa e,

sobretudo, dentro da dinâmica coletiva da seleção nacional. Na comparação, inevitável, com nomes como Lionel Messi e Diego Maradona, surge frequentemente o debate sobre estilos, influências e formas de decisão em campo. Messi e Maradona representam uma expressão mais completa do jogo criativo, da improvisação e da capacidade de transformar o coletivo através de uma leitura mais orgânica do futebol.

Ronaldo, por outro lado, na minha opinião, como o expoente máximo da eficiência, da finalização e da superação pessoal, moldado por metas claras e por uma mentalidade de exigência constante. Não quero criticar, até porque o passado de Ronaldo não o merece, mas quero centrar a discussão no seu papel atual na seleção portuguesa.

A ideia de que a equipa se torna mais previsível ou menos fluida quando estruturada à volta dele reflete uma preocupação com a dinâmica coletiva. A presença de um jogador com um estatuto tão elevado pode condicionar a forma como a equipa se organiza, limitando variações táticas ou reduzindo a liberdade de outros jogadores e daí surge também a perceção de que, em certos contextos, a equipa pode perder mobilidade ou equilíbrio, sobretudo se for construída para maximizar a presença de um único finalizador.

No que toca ao selecionador Roberto Martinez, a crítica incide na sua capacidade de decisão e autonomia. Perante figuras de enorme peso mediático e histórico como Ronaldo, o selecionador encontra dificuldades em impor uma ideia de jogo totalmente independente de hierarquias ou expectativas externas. Esta perceção alimenta a ideia de que a seleção nem sempre joga de forma completamente livre ou coerente com um modelo tático estável, especialmente, em jogos de maior exigência. A questão da liderança dentro da seleção torna-se, assim, para mim, central. Quando um jogador tem uma influência tão grande – desportiva, mediática e emocional – levanta-se inevitavelmente o debate sobre até que ponto essa influência é positiva em todas as fases do jogo e em todos os momentos competitivos.

Para alguns, esta centralidade pode criar uma dependência que limita a evolução natural da equipa. Em relação, ainda, às associações externas ao futebol, como referências políticas ou ligações indiretas a figuras públicas internacionais, essas interpretações acabam por refletir mais a perceção individual do que factos desportivos objetivos.

Ainda assim, mostram como a figura de Ronaldo transcende o campo e entra frequentemente em territórios simbólicos, onde a imagem pública se mistura com opiniões pessoais e leituras sociais mais amplas. No caso de um jogador com enorme estatuto, o desafio passa sempre por encontrar o ponto de equilíbrio entre aquilo que representa individualmente e aquilo que a equipa precisa enquanto organismo coletivo.

O talento individual pode decidir jogos, mas não deve comprometer a fluidez do sistema nem criar assimetrias que limitem a participação de outros jogadores. Quando o estatuto se sobrepõe à meritocracia do momento de forma, abre-se espaço para decisões que nem sempre refletem o rendimento atual em campo. Ao mesmo tempo, o passado glorioso de um atleta pesa inevitavelmente nas escolhas do presente, sobretudo em seleções nacionais, onde a dimensão emocional e simbólica é muito forte. No entanto, o futebol moderno exige uma leitura contínua e objetiva do rendimento, em que o presente competitivo deve ter prioridade sobre a memória do que já foi conquistado.

É neste cruzamento de ideias entre o respeito pelo legado e a exigência do presente que se constrói – ou se fragiliza – a verdadeira força de uma equipa. A bem de Portugal Martinez não pode continuar a insistir em Ronaldo, mesmo que convoque para o banco de Portugal Donald Trump...Estou preocupado com uma geração de ouro hipotecada por uma figura que hoje transcende a grandeza de outrora.

